ANO I — N.º 21 26 de Maio de 1923 PREÇO 50 cent.

FANTOCHES

BASTIDORES DA POLITICA E DOS NEGOCIOS

DIRECTOR E EDITOR

ROCHA MARTINS

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO, Rua do Alecrim, 65 — LISBOA — Telefone 2440 - C.

O Insultador de Sidonio Pais

Um belo gesto no tribunal de guerra — Como vive o assassino do presidente — Sidonio e os seus camaradas — A acção do advogado da Cunha Dias — A cloaca nacional

O meu amigo Cunha Dias, advogado e republicano, foi a única pessôa que, no Tribunal de Santa Clara, soube proceder ante os insultos dirigidos à memória de Sidonio Pais.

Um advogado que ha muito deseja obter retumbância para o seu nome — o senhor Cota ou Costa — atreveu-se a chamar ao presidente assassinado, canalha, patife, miseravel, etc., uma série de apôdos soêzes que bem mereciam, alí mesmo, o correctivo. O tribunal escutou em silêncio a diatribe, a infamia. Só Cunha Dias se ergueu e saiu atormentado por ouvir insultar um morto que parece não ter deixado filhos.

O senhor Cota ou Costa é o defensor do assassino de Sídonio Pais. Nenhum advogado quiz tomar esse encargo, êle, aceitou-o num alarde de demagogismo. Naturalmente o matador não precisava de quem o patrocinasse numa sociedade ou tão cobarde que não se ergue ou tão canalha que o aplaude. Todavia o senhor Costa solicitou do miserável a honra de ser o seu assistênte no tribunal, numa ância de se destacar na mâncha de rèclâmo que, sem dúvida, se faría em torno do julgamento.

Os homens do 19 de outubro deliberaram, porêm, pôr a salvo o criminoso, dar-lhe a fuga e a protecção. Como se fôsse um benemérito, o José Júlio da Costa, exibicionista e excitado, é apageado agora em casa dum magnate republicano, umas vezes no Minho, logo noutra do Douro, âmanhã em Traz-os-Montes, sempre de algibeireira cheia — porque mantem quotas para o seu sustento — e mostrando-se como um credor.

O assassino de Sidonio chega à porta do luminar do regimen; bate, apresenta-se com o bilhete que possúe, passado pelos seus grandes ami-

gos, e depois entra, amesenda-se, é o hóspede, aquêle a quem chamam nas cartas de subscrição: *o doente*.

Não hesitam em sental-o à sua mêsa, entre a família, diante das senhoras e das creânças, deixam-no falar do seu crime com desvanecimento, acompanham-no, depois de lhe pedirem autógrafos, até à casa que o hade acolher. Dêste modo, o assassino tem percorrido quási Portugal inteiro sem que as autoridades o prendam, protegido, recolhido pelo terrôr de que as suas revelações prejudiquem altas personagens ou pela gratidão, pois sem as balas do seu revólver, o partído democrático já não existiria.

O advogado víu fugir-lhe êsse meio de réclamo e, então, foi clamar no tribunal contra a memória honrada dum grande homem de bem, acêrca do qual, em vida, essa voz, agora tão atrevida, nem sequer resmoneou.

Eu compreendia todo aquêle ódio a um mártir em pessôa que ele houvesse perseguido e não fôsse de qualidade de perdoar. Mas o senhor Cota ou Costa, nem figurou na oposição que lhe fizeram; foi tão insignificante a sua acção, se a teve, que nunca se deu pela audácia, pelo valôr, pelo gesto mais insignificânte da sua parte contra o libertador.

A que vem, pois, agora o insulto? Então quem não teve coragem de o atacar quando êle vivia, tem direito de o insultar depois de morto? Não tem. Em todo o caso, fêl-o, apenas com um protesto, o da Cunha Dias, que julgo nunca ter sido sidonista.

Naquêle tribunal estavam oficiais de todas as patentes, desde generais a tenentes, e não me consta que, naquela hora do insulto, qualquer dêstes tivesse feito calar o ultrajador.

E' singularíssimo. Na sociedade em que vivêmos sente-se sob os pés um pantano; o terrêno é movediço, tem-se a impressão que se caminha sôbre uma estrumeira coberta de relva verde guarnecida de vermelho.

Então aquêles oficiais aceitaram Sidonio como chefe do estado republica, fizeram-lhe a sua continência, assistiram às paradas onde êle passava, garboso e gentil, entre as scintilações das suas espadas, não se revoltaram contra êle, antes o saudaram, governaram possessões ultramarinas e comandaram soldados quando dirigia o estado, vestiram fardas eguais à sua, tiveram-no como um camarada mais inteligênte e mais audaciôso, e, um dia, passado já anos sobre a sua morte, um advogadeco de província, um Cota ou Costa, individuo que devia ser bem educado, diante dum tribunal, insulta esse memória honrada e êles calam-se? Eles, os soldados, que serviram ás suas ordens? Que miséria!

Levanta-se, então, um civil, um rapaz que não o seguíu nem o lisongeou, um advogado, que o acaso duma defêza alí conduziu, um paizano, emfim, e é dêle que parte o desagravo à memória dum chefe de estado! Que miséria!

Eu já tinha no coração uma grande amizade por este Cunha Dias ao qual, não me ligam nenhumas afinidades politicas nem literárias, mas agora sinto que, no seu impulso, foi um homem diante de eunucos e não quero deixar de lhe mostrar em publico a minha admiração.

Muito bem, Cunha Dias. Dentro desse tribunal só um caracter se revelou. O seu. O resto amoldava-se no receio de que os apologistas da morte de Sidonio Pais fizessem passar ás suas portas algumas rondas sinistras ou lhes enviassem algumas camionetes de execução. Muito bem, Cunha Dias.

Devo dizer que divergi muitas vezes dos processos de Sidonio Pais, que escrevi até um artigo àcêrca de um dos seus actos, que causou sensação, visto partir de quem ajudara por todos os modos essa revolução vencedora, porêm, jamais o ví sob os aspectos infectos que o advogado do seu assassino despejou sobre o seu cadáver.

Como também não deixo de meter na ordem quem pratica maus actos, se estivesse no tribunal teria dito isto mesmo que deixo escrito.

E' certo que no dia seguinte, tardiamente, esse areopago apoiava o desagravo à memória do insultado. Foi ainda Cunha Dias que o exigiu. Sem isto as palavras injuriosas de ontem teriam ficado sem resposta e sem correctivo. A propria imprensa — à excepção do *Correio da Manhã*, da *Epoca* e do *Dia* — pareceu olvidal-as e, como quem cala consente, é triste chegar-se à conclusão que as perfilhou.

Dêste incidente ficam os dois aspectos que apresentei da sociedade portuguêsa, nesta era de decadência. E surge ainda um terceiro, esse, mais doloroso, mais desolador para a minha sensibilidade: a inercia do chefe da família de Sidonio Pais ante o assassino protegido pelos governos e o dos insultadores corrigidos apenas por admiradores ou por amigos do morto ilustre.

Morreu; assassinaram-no e parece que com êle mataram todos que o serviram e a quem êle serviu. Só assim se explica tanto silêncio em torno dum assassínio e tanta impunidade para os injuriadores.

Ele está nos Jeronimos, no seu túmulo, os outros caíram numa fóssa.

A Companhia dos quarenta

Um accionista sem direitos — Os lucros duns e os dos outros — Os quarenta maiores senhores do Imperio da moagem — O que existe no fundo dum misterio — E se o povo fosse vêr?!

O excelente *Diario de Lisboa*, que dá abrigo a todas as queixas, publicava, ha dias, uma carta do capitão tenente senhor Carlos Pereira, na qual declarava não ser permitida a sua entrada numa assembleia da Moagem, da qual possue algumas acções. A razão tambem a explica o mesmo senhor: segundo lh'a apresentaram na Companhia poderosa, nossa senhora; é que na reunião só deviam figurar os quarenta maiores accionistas.

Eu não conheço praxes de sociedades comerciais. Nunca tive dinheiro para tais aventuras no dominio do grandioso. Tampouco jámais aceitei uns titulos beneficiarios com que é uso comprar algumas complacencias. No entanto, parece-me que, ou ha grosso misterio entre esses quarenta senhores, ou então que não foi bem elucidado o capitão-tenente possuidor do papel moageiro.

A moagem é uma sociedade prospera e nem podia deixar de o ser desde que o governo lhe fornece trigo por um preço que ela vende por outro muito maior. E quanto a lucros são 90.000 contos por ano, que dá para tudo quanto se sabe e mesmo para o que se suspeita, segundo afirma Trancoso, ex-ministro das finanças e o actual ministro da agricultura.

Supunhamos que existem aí uns exageros dos inimigos dos honrados industriais — dirão v. ex.as — e eu não os contrariarei reduzindo a 80.000 contos essa formidavel manigancia nacional. Naturalmente, com semelhantes resultados, os dirigentes da Companhia devem ter o ar de triunfadores ao lançarem os seus dividendos sobre o capital que se lhes confiou. Daí, cada vez entender menos, porque motivo não congregam os seus acionistas em grande numero para lhes dizer:

«— Meus senhores, não ha em Portugal nem no mundo inteiro um negocio como este. Nem as minas de petroleo, nem os filões de oiro da California, nem as diamanteiras do Cabo... Isto, como os senhores veem, consiste em pouco... Receber o trigo que nos fornece e transformá-lo em bolos para vendermos e em pães de semeas para a canalha roêr... O capitalsinho empregado tem tanto lucro, que se o governo mobilisasse

as nossas maquinas, elas já estariam pagas bem como os edificios e... Mas isso não acontece porque...

Eles escusavam de explicar porquê. O publico percebe-os e os accionistas decerto tambem não o ignoram. Qual a razão, pois, porque não se lança aquele pregão a uma assembleia magna?

Serão tão modestos os dirigentes da moagem, que tenham pudor de confessar como fizeram render opulentamente o dinheiro que lhes entregaram? Eu, dá-me para acreditar na modestia, porque, possuindo eles jornais, nunca publicam os seus retratos, não aparecem, apenas ordenam que se cortem os nomes dos seus adversarios. De vez em quando, lá surge a noticia dum casamento de gente da fama com certo estrondo. E é tudo. Oculta-se o divorcio, frequente naquela familia, como se escondem as más acções. Levar a humildade a ponto de não querer dizer como se administraram bem os capitais que dão lucros de 90.000 contos, é, realmente, comovente.

Mas, se não fôr este o motivo porque não querem mais de 40 accionistas — os maiores — na reunião proxima? Qual ha de ser?

Ter-se-ha a impressão que uma acção de cem mil reis tem tão pouco valor, que se pode dar de esmola a um pobre? Imaginar-se-ha que esses contos de reis nada valem diante dos milhões que acumulam esses quarenta maiores accionistas?

Não sei, porque não sou accionista nem da moagem nem de qualquer empresa, mas se o fosse e me sucedesse o mesmo que ao senhor capitão-tenente Pereira, eu investigaria dos motivos, primeiro, porque me assistia o direito de conhecer como me administravam o dinheiro e que combinações faziam com ele, segundo, porque sou imensamente curioso destes bastidores plutocratas.

Agora mesmo — apesar de só conhecer o facto atravez do *Diario de Lisboa* — fico devorado de desejos de saber. Pertenço á raça dos imaginativos e ante esses quarenta grandes accionistas da moagem, reunidos, se não evoco o conhecido episodio das *Mil e Uma Noites*, em que perpassa Ali Babá, não deixo de me lançar na ideia dalguma coisa de misterioso. E o misterio, o desconhecido atrai, subjuga, arrasta.

Como se chamarão esses quarenta nababos? Como serão os seus rostos? Que perfume exhalarão esses senhores dos nossos estomagos a quem pagamos duas vezes o pão, no acto da compra e no imposto?

E' que nunca vi quarenta magnates do milhão reunidos, não calculo mesmo o que poderão dizer entre si. Desconheço as suas palavras; não sei se gaguejam, se deixam escorrer lentas e doces as frases pelos labios, aterra-me só a ideia de que não sejam como nós, que tenham aureolas de deuses sobre as cabeças predestinadas. Como desejaria vê-los? Imagino-os como quarenta soberanos, num areopago, a tratarem duma guerra dura, terrivel, da qual só resultem hecatombes. Sim.

Assim como os paises teem as suas verbas avultadas para policia secreta, pagamentos reservados e para se dividir entre os altos dirigentes, tambem é crivel que suceda o mesmo nesse estado que nos devora.

Mas não quero fazer maus juizos. E' crivel que queiram apenas revelar uns aos outros alguma coisa que até aqui não disseram. Onde param os sindicantes aos seus lucros que o governo para lá enviou. Em que masseira ou em que pia se sumiram? Virá daí o misterio?

Em todo o caso, o melhor seria o povo ir vêr como deliberam entre si, os quarenta maiores açambarcadores das acções da moagem.

Praga, capital da Boémia

Representação indispensavel — O processo da defenestração — Velhas usanças boémias — O país filial da Boémia — Uma velha canção aplicada

Como se sabe, depois da senhorial república de Veneza jamais houve no mundo república mais rica, mais bem fornida de bom oiro do que a república portuguesa. Assemelham-se em diversos pontos de vista como por exemplo no Conselho dos Dez, que fazia tremer os *Doges*, transformado aqui no Grupo dos 13 que faz empalidecer os *dogues* da governação. Tambem outro ponto de cantacto existe entre as duas grandes republicas: a de enviarem embaixadores numerosos pela orbe a espalharem a fama das suas maravilhas.

Os magnificos venesianos cobertos de rendas, sobre os veludos custosos, guardavam nos seus rostos o eterno aspecto grave de quem, representando a sua patria no estrangeiro, receava sempre a denuncia de traidor lançada na gùela do leão da praça de S. Marcos, sobre o qual voejavam os bandos brancos de arrulhantes pombos.

Só nesse ponto é que diferem os nossos diplomaticos enviados. E' certo que o tempo é outro e o senhor Augusto de Vasconcelos, vestido de veludo, metido em rendas e de ar sisudo não cumpriria bem a sua missão alegre neste mundo. No resto está bem com a leve diferença que a gùela do leão é a deles e os pombos já de ha muito desapareceram do Terreiro do Paço tendo sido guisados com ervilhas afim de sustentar os principios, quero dizer, os ministros.

Sendo tão magnificente a instituição e estando tão rico Portugal, pareceria desacato e não teria explicação plausivel a falta de alguns embaixadores no Congresso de Praga, onde, por todos os motivos, não se podia passar sem os portugueses.

Como se sabe Praga é uma formosa cidade tcheque, capital da Boémia na qual um grande facto historico palpita ainda nas imaginações e nos Bedeckers: o que se chama a defenestração.

O caso foi simples como um bom dia. Parece que aos governadores daquele país não agradavam os sentimentos religiosos do povo e por isso o perseguiam, então, em certa hora malasada para eles, foram atirados da janela do paço para as pedras da rua.

Não é necessario ter muita imaginação para se saber como ficaram.

E' este um dos principais pontos que deve ser estudado pelos ilustres delegados à Boémia.

Para quê? Ora essa! Para se poder usar em Portugal a execução economica.

Como após os terriveis acontecimentos de outubro se espera sempre a continuação, como os atentados não pararão jamais e como para alguma cousa foram a Praga os representantes do govêrno republicano, é bom que não venham de lá sem algumas luzes relativas à maneira de poupar munições em dias de revolta sem que, todavia, falhem os seus objetivos.

Por exemplo, — longe vá o agoiro mas todos os similes são permitidos — delibera-se liquidar o govêrno. Em vez das tropas saírem com as suas metralhadoras, as suas peças, as suas espingardas, em som de guerra, em logar das camionettes rolarem na treva, melhor e mais rapido meio se empregará no incidente, após o estudo feito. Basta meia duzia de moços de fretes, rijos, desses que sùam desde ha anos sem jamais meditarem na existencia da agua, e incumbidos do frete. O Terreiro do Paço tem lagedos largos, a gente de cargas braços musculosos, o senhor Antonio Maria da Silva, é levezinho, o frete não custa nada a ensaiar.

Eis o processo da defenestração. Eu não aconselho tais rigores mas como não sei o que poderão trazer de Praga, alem disto, os nossos embaixadores, espero ainda assistir ao facto com este ou com outro govêrno, sob o olhar vivo do sr. Vasconcelos (Augusto) o qual explicará:

— E' assim mesmo . . . E' o metodo . . . Lá fomos a Praga estudar o caso . . . Bem aplicado . . . O português, e o seu irmão galego, tem na realidade, grandes faculdades de adaptação . . .

O que é Praga? A capital da Boémia, uma especie de sucursal da nossa república que contem todas as pragas e na mais rija boémia tem vivido.

Acaso faltam em Portugal as pragas? Não ha a dos deputados, dos comendadores, dos herois, dos açambarcadores, dos homens de genio, dos adesivos, dos celebres, dos ladrões, dos falsificadores, a praga enorme que alastra como uma sebacea nodoa num papel pardo e que é a propria mãe de tantas outros pragas; a instituição que as desventra?

E a boémia? Acaso não tem sido este periodo um largo regabofe, uma governação de noctivagos, bebados, e tontos que querem por força pescar linguado nas lagos do Rocio e tem no Terreiro do Paço um viveiro de tubarões? A boémia sim, a mais intensa, a mais deliberante, a mais doida boémia com desinsofridos apetites, com ancias de se conhecer cousas novas, fazendo do país um lupanar e da governação uma tertulia monstruosa?! E' assim. As cousas não se podem negar quando estão à vista, claras, inludiveis.

Pois que é a vida portuguesa senão uma boémia pegada com alguns gemidos para dar a nota romântica e algumas cantigas ao fado para puxar à lagrima? Boémia, autentica boémia, e não se compreende alguem praticá-la sem a ir vêr à origem, à fonte, a autentica patria onde ela devia existir mas donde emigrou para aqui. Os monarquicos não estão nos segredos do estado, e eu tambem, só por um acaso singular, descobri os dois motivos que levaram — como na Senhorial Veneza — a enviar-se de Portugal os grandes embaixadores, foi o estudo da desfenetração e o saber-se, na realiadade, a Boémia estava lá ou se tinha assentado aqui os seus arraiais; descoberta de alto interesse para a sciencia e de maior ainda para quem aproveitar com a mudança.

O caso do tenente Azevêdo

As acusações dum oficial — Os delictos do ministro da guerra — A verdade e a disciplina — Singulares casos no exército — A síntese dum castigo

Ha quarenta dias que está prêso o tenente Alfredo de Sousa Azevêdo, — a imprensa o diz e o ministro da guerra o sabe. Porque não o põe em liberdade? Porque a prisão do tenente é uma vingança do ministro. Mas isso é possível em Portugal, dentro do que se convencionou chamar uma democracia?

Tanto é assim que o oficial continúa em S. Julião da Barra e naturalmente lá ficará até ao momento em que um capricho, uma transigência ou uma sedição lhe abra as portas do cárcere chancelado pela certêza de que não se devem dizer as verdades quando se vive numa república como esta.

O caso do tenente Azevêdo é duma singeleza enorme. Descobriu que um ministro da guerra — o senhor Correia Barreto — fazia traficâncias, no exercício do seu cargo, desfalcara o estado em varias quantias e declarou-o nos jornais. Mais ainda; tomando a sua qualidade de cidadão moveu um processo ao homem que acusáva.

Sendo miliciano, e tendo vindo da guerra, foi ocupar o seu logar nos correios, onde é empregado, e intensificou a sua campanha contra aquele que considerava um desprestígio para o exército desde que procedera criminosamente.

Com o velho sistema de se calar ante os insultos, Corrêa Barreto deixou a pasta e quando o coronel Freiría dela se apossou, subíu até êle uma nova queixa do oficial relatando os delictos do seu antecessor e solicitando, que, para honra da farda, o processassem. Não se lhe deu a menor resposta.

Como viria esse deferimento honrado se Correia Barreto pertence ao partido democratico, que está no poder, e o actual ministro tem o logar porque êles o elevaram até à cadeira onde se têm sentado alguns verdadeiros militares com honra e dignidade mas tambem tem sustentado outros que a deshonram por seus actos dos quais o menos vergonhoso é a subserviência.

Sousa Azevedo, descobriu, então, uma cousa que toda a gente sabia mas não se atrevia a escrevêr: que o actual ministro da guerra, partira da divisão onde era chefe do estado maior, em França, levando consigo, para Paris, todas os planos de campanha, o que podia gerar a derrota do exército e constitui um grave crime punido pelo código militar.

O general Gomes da Costa, narrara o facto a alguns amigos e pagou com uns dias de detenção em Caxias, o atrever-se a tocar num aliado dos democraticos.

O tenente descreveu tudo isso. Esqueceu-se, porêm, do contar como esse ministro, esse chefe do exército, que se entregou em Vizeu com o general Abel Hypolito, ao capitão Sá Guimarães e ao alferes D. Thomaz da Câmara, tendo à sua volta uma divisão entre a qual estes se fôram meter quasi desarmados.

Foi no tempo das Juntas Militares. Ordenara-se áqueles dois rapazes que entrassem na cidade e trouxessem as auctoridades e êles assim fizeram. Prenderam-nos: não encontraram a menor dificuldade. Nem um tiro. Os soldados, no dia seguinte, gargalhavam nos quarteis.

Pois com aquela retirada levando os planos do estado maior, em França, e com esta submissão a inferiores ganhou a ascenção ao ministério o senhor coronel Freiria. Eu posso dizel-o sem perigo de ir — pelo menos como militar, que o não sou — parar a S. Julião da Barra. Posso mesmo afirmar que se o acaso duma revolta colocasse no poder a Justiça êle seria julgado. O tenente Azevêdo è que não poude afirmar os factos que conhecia, sem ser o alvo duma vingança.

Vejamos, porêm, qual é a situação moral do chefe dos soldados portuguêses, desde que, para abafar a voz acusadora dum subalterno o prende, o enclausura, tomando para pretexto uma singular interpretação da lei, em que o dá por desertor. E' curiosa esta consciência dum militar que se entrega a inferiores e fa perdendo todo um exército com a falta praticada diante do inimigo. Ninguem pensaria que dum tão submisso tenente coronel em frente dum capitão, brotaria um tyranete desde que um tenente lhe aponta os delictos.

E' assim que êle entende a disciplina quando devia antes desejar o exército limpo.

Isso de limpeza do exército refere-se apenas a não se consentir dentro das fileiras, oficiais, que, embora cumpridores dos seus deveres, tenham opiniões monarquicas. Pode-se ser um miseravel, acusado de roubos, de crímes que não se lhe arrancam os galões. O senhor Correia Barreto chegou a perder o processo instaurado contra o coronel Nobre da Veiga, no qual se provou o desaparecimento de varios objectos do Lazarêto e outras traficâncias, só porque este fôra o carcereiro dos vencidos.

Claro que um homem sem manchas não aceitaria o papel infame que se lhe distribuia.

Vêmos, pois, que a gangrena contaminou já o exército, invadiu-o com uma vertiginosa acção. Começou a cercal-a na hora em que o senhor Afonso Costa lisongeava os sargentos sem respeito pelos seus oficiais; continuou quando, no 14 de maio, um brigadas levou consigo o regimento deixando o coronel sósinho depois de dar as ordens que o outro contrariou.

Tornou-se uma endemia a insubordinação. E' que nunca houve um oficial que cumprisse o regulamento: metesse uma bala na cabeça do inferior que o derespeitasse. E' que a maioria procurou a comodidade

dos cargos políticos, filiou-se em partidos. serviu na Arcada e abandonou a fileira, e sem consciência republicana, fazendo da sua profissão «*um modo de vida e não um modo de morte*», deixou que a vasa invadisse a garantia de toda a ordem social. Ou se submete diante dos audazes — como sucedeu a Freiria — ou levam as praças à revolta como aconteceu com tantos que depois não as podiam conter em seus disturbios e de que é terrivel exemplo o 19 de Outubro. Lá o dizia, no tribunal, um marinheiro: «os oficiais desafiam-nos para a revolta e depois querem disciplina».

Não existe mais consistência nem respeito dentro do exército nacional. O que se chamava antigamente dignidade, parece ter morrido e se fosse preciso uma prova palpavel, forte, dominante, bastava evocar o major Tamagnini, preso por polícias que o queriam assassinar, e o comandante do Campo Entrincheirado recusar-lhe o auxílio.

Por isto, diante dos factos consumados, este caso do tenente Azevêdo serve apenas para apoiar os meus dizeres.

Quiz mostrar como um chefe do exército cometera um delicto que deslustrava a corporação, ficou tido como um inimigo; aparece outro dirigente e logo calha — como se os escolhessem a dedo — ter péchas doutro jaez mas que são atentorias das leis militares. O oficial acusou de novo. Prenderam-no; deixaram os criminosos à solta.

A sintese, que o republicano encarcerado, deve inscrever nas suas recordações é esta;

E' permitido a todos os militares sujarem a sua farda desde que pertençam ao partido democratico; serão condenados os que lhas queiram limpar. Para o caso têm eles varios impedidos.

Um gentilhomem de letras

O rebento dum tronco ilustre — Atitudes dum grande fidalgo — Da serenidade à simpleza — O aristocrata e o povo — A raça e o talento do conde de Sabugosa

Fidalgos ha muitos, gentilhomens são raros. Pode-se ser herdeiro de meia duzia de apelidos heraldicos e falhar a quem os ostenta essa singular caracteristica que é o tom grande senhor o qual consiste em o sentir sem o impôr exactamente como a elegancia de Brummel diferia de todas as outras porque era sempre bela e jamais exagerada. Nunca se sabia quando o supremo *dandy* vestia um fato novo pois notava-se-lhe sempre o seu vinco pessoal belo, simples, inimitavel. Com o gentilhomem succede o mesmo; esplende como uma flôr desabrocha. A sua linha não é postiça. a sua maneira não é estudada, a sua correção está tanto em si como se fizesse parte da sua fisionomia, tivesse nascido com êle. E os gestos, as palavras, os actos, os sentimentos são seus, bem seus; não se lhe veem as molas com que os imitadores se pretendem alçar até a esses inconfundiveis.

O conde de Sabugosa, que conheci e admirei, por quem tive respeito e amizade era um grande senhor assim, o último destes grandes senhores. Exalava raça; as suas atitudes eram tão simplesmente formadas, tão polidas e tanto em proporção, em todos os momentos da sua vida que mais ninguem as egualava.

Homem de côrte, por direito de nascimento não o fazia destacar; portador dum grande nome histórico — o dos Cezares de Menezes — que foi usado por guerreiros, diplomatas, prelados e eruditos, aumentava-o com o seu valor pessoal e assim, como o velho Lafões, era um principe entre os sabios e um sabio entre os principes, assim êle era entre os artistas o maior dos gentishomens de arte e entre os seus pares o maximo artista. Junte-se a isto a sua estructura moral a eis o conde que Deus levou.

Jamais esse escritor ilustre — porque o era — careceu do arrimo da sua fidalguia para marcar na literatura a que se dedicou, sobretudo nos últimos dez anos da sua vida, numa produção de monge sabio ou de frei pintor de missais formosos. Vivia na sua grande biblioteca, naquela quadra que os ancestros — sempre ledores, literatos, ou sabios — tinham

fundado e, sem outra paixão forte a roel-o, a dominal-o, o conde, antigo mordomo-mór, conselheiro, intimo dos reis, senhor da mais alta nobreza, entregava-se à sua tarefa diariamente: fazia brotar das velhas palavras das crónicas pesadas, as figuritas garbosas, suaves, lindas, verdadeiras — sempre heraldicas — a viverem bem modeladas como num pesado bloco rude o artista dá existência, gera, a gracil obrinha que nos enleia.

De quando em quando os acontecimentos vinham bater-lhe à porta; se não lh'a abria forçavam-lha, e assim, no 14 de maio, as balas irrompendo pela vidraça, furando as portadas, atravessando a biblioteca e cravaram-se na estante onde se enfileirava a *História Genealogica da Casa Real.*

Entraram de roldão os revolucionarios; encontraram de pé, esperando tudo, com o mesmo ar singelo de nobreza de sempre, esse esplendido fidalgo que os encarava sem arreganho mas sem mêdo, mal os ouvindo — o conde era extremamente surdo — observando grave, e estoicamente, os seus exaltados gestos. Levaram-lhe o filho — o conde de S. Lourenço — rua fóra, num vexame. A êle deixaram-no com a sua atitude, o seu ar sereno e digno. O povo à sua porta tel-o-ía saudado. Sabugosa era muito querido da turba do seu bairro que advinhava no aristocrata um amigo como não topava nos seus lisongeadores.

Quando os invasores saíram da sua casa e conduziram o seu primogenito devia evocar scena semelhante nos anais da sua casa para refrigério à sua dôr de pai porque nos nobres, como êle mesmo, o sofrimento tem de ser dignificado. Talvez relembrasse o antepassado o 5.º senhor do mesmo título, arrastado pelos aguazis ao forte da Junqueira no tempo de Pombal. Foi vêr, então, amorosamente, os livros e notou o vestígio daquela bala de aviso, perfurando a janela até à estante para esgarçar na carreira a lombada do livro dos Braganças e ir anichar-se, fria, morta, tendo ficado encravada — como se cumprisse um fado — na pagina onde se historiam as linhagens dos condes de Ourem, o título que o rei usa no seu exilio, tocado no acaso singular daquele projéctil na casa do seu mordomo-mór.

Sabugosa, ao mostrar-me o estrago, tinha nos olhos tão inteligentes uma surpreza a diluir-se numa fatalidade; conservava o seu eterno modo dum sêr que não se lamenta e tudo aceita do destino sem a inferioridade da queixa.

Esse conde, de tão alta estirpe, não desdenhava de se roçar com a populaça e como guardava uma grande serenidade e delicadeza recolhia em respeito os que com ele tinham contacto.

De resto fidalgos e povo é que formaram a base da patria, a engrandeceram e a salvaram. O burguez é uma excrescencia roedora, uma vermina corrosiva na legenda nacional.

O conde soube viver com as almas simples da rua; parava a falar a uma criança suja, a uma velha, a quem se lhe dirigia e, quando da greve dos electricos, eu vi-o, dentro dum automovel, que esperava passageiros, apesar de poder mandar vir um trem, tomar o seu logar, e colocar-se ao lado dum sargento de marinha. Entrei. Daí a pouco, aos solavancos, pelo Aterro, o nobre falava com o militar que o saudava no momento da descida, e queria ajuda-lo no receio da falha da sua perna levemente claudicante.

Era assim de serenidade diante do perigo, de simplicidade no viver, de gentileza ele era para todos e de caridade tambem. Nunca quiz saber

se um escritor era avançado ou conservador, admirava-o ou não, mas não deixava de responder ás suas cartas; tampouco desdenhava subir as escadas das redacções nas quais contava amigos, estendia a sua mão nobilissima á gente de letras como um camarada sem invejas e sem subserviencias, homem da profissão livre das anciedades, malquerenças, criticas acerbas de uso aos literatos entre si, tudo magnificamente doseado por sua educação, seu sangue, seu feitio inimitavel de gentilhomem.

Gostava muito de conversar e custava-lhe imenso ouvir, e então deixava-mos que falasse das suas observações e dos seus achados, dos filões descobertos nos velhos livros e que transmudava em folhas de oiro limpando-as das impurezas, aumentando-lhes, o valor. Se acaso se tratava de politica moderna era discreto na apreciação. Não tinha o odio farfalhante de muitos e ninguem mais amava a realeza do que ele mas uma realeza liberal — eu sei-o — do seu tempo, da sua epoca na qual só valesse a nobreza que fosse digna de usar os seus titulos. Geralmente metia-se dum delicado e discreto desvio de ideias ao tratar do assunto mesmo com correligionarios e, para algum mais intimo, o conde sabia explicar tão bem, sem ferir, sem maguar, os sucessos fatais que liquidaram o regimen — sempre por ele querido enternecidamente — que logo se adivinhava o erudito habituado às cronicas e à historia que tudo revela e aponta com a diferença que a dos seculos idos se póde contar em voz alta a do nosso tempo, num cicio apenas, sobretudo sendo-se gentilhomem de letras como esse admiravel e grande senhor de raça nobilissima, que Sabugosa foi, levando consigo na hora da morte, o segredo de se ter imposto tanto por si mesmo quanto isso era dificil tarefa ante o rumor secular das grandezas dos seus avós.

A Plutocracia e seus ganhões

O meio e o panfletario — O que se julga a critica — As ideias e conselhos — A ação dum combate cerrado — A hora do adhesivo

Esta semana, entre as varias cartas que receb: com insultos, ameaças, lisonjas e denuncias, veio uma que merece longa resposta a um dos seus trechos, no qual se diz assim:

«*Você está sósinho contra uma plutocracia que compra tudo e o ha de vencer abafando-o no silencio se não arranjar meio mais rapido*».

Amigo leitor — como se escrevia no velho tempo — eu conheço muito bem a sociedade em que vivo e o silencio a que se reporta.

Creia, porém, que nem ele será longo e ainda menos que estou só.

Onde você imagina má vontade contra o que defendo, ha muito de preguiça em noticiar estes panfletos. Ha quem os odeie, creio, mas os motivos desses odios não teem todos a mesma origem. Diz-me que a plutocracia comprou tudo. Talvez. Existem, porem, em Portugal muitas coisas que não são de vender. O que se passa comigo, não é um caso isolado; é um sintoma de sempre neste país acobardado, que ora se encolhe num capuz do Santo Oficio e denuncía, conjura, embilidece a raivar, ora se solta como um molosso hydrofobo e morde, fere, mata. Claro que a critica — afóra trez ou quatro pessoas que a exercem bem — hesita deante dos ataques feitos por um escritor a um bando, e sabe porquê? Porque se compõe duma sucia de espiritos superiores de amanuenses e de gentio de noticiario, comendo á mangedoura do estado e da gazeta, remoendo a sua fava, com apetite e tendo medo de desagradar a quem lhes paga. Esta é a critica que apenas sorri quando nos lê, fingindo desdens, sentindo-se superliteraria sem escrever uma linha. A outra tem missão diversa, analisar um livro, uma obra de teatro mas nunca um panfleto traçado sempre nervosamente, ao acaso do acontecimento e á ultima hora, como a folha de combate.

Já vê, pois — precipitado correspondente — que onde você julga existir um conluio ha de primeiro vêr desleixo, depois cobardia e a inveja de não se ter coragem precisa para diser verdades. E é tão facil. Basta deixar correr a pena. Tomando por assunto as noticias que eles rabiscam ou adivinhando o que existe por detraz dum simples *suelto*.

E' possivel que nalguns jornais se queira abafar a minha produção

panfletaria embora se enalteçam as outras, mas, se assim é, você compreende muito bem que procedem com grande juizo.

Qual é o caixeiro que deixa o inimigo do dono da casa saltar pelo balcão?

Balanceando — como se diz em linguagem de mercante — estou, pois — você o afirma — entre duas barreiras: a dos individuos incapazes de viver das suas penas e que, emborcando cafés na Brasileira, se julgam literatos, quando não passam de servos dos diversos amos que lhes dão a pitança nas gamelas sujas dos restos de mil falcatrúas e a dos que, sendo mais do seu tempo do que eu, vendem aos plutocratas as suas ineditas revoltas.

Tambem é crivel — excelso avisador — que assim seja. Em Portugal é um milagre viver-se, sem dever nada a ninguem, apenas desta profissão de escrevinhador e como domina um legado ateismo detestam se os milagres. Já agora eu continuarei a acreditar, pelo menos nestes, pois nunca duvidei virem deles as sopas magras do meu sustento.

Visto isto, aquele ponto da sua carta — solicito conselheiro — pouco importa a quem sabe as rasões porque nos chamam ilustre ou sendeiro conforme a gazeta onde se publicam os artigos ou o local onde se palram as criticas dos espiritos subtis dos quais ha a esperar obras primas, que os possuidores desses talentos raros não fasem — nem mesmo do tamanho dum livrinho de mortalhas — porque — coitados! são como a D. Angelica Carneiro — incompreendidas. Nela ainda se explicam os ais de desalento ao menos pela briga de nomes, neles aquilo é tenia ou retenção de urinas.

Constato, porem, que já perdi bastas laudas com tal assunto.

Eu só vejo o publico e esse acompanha-me. Tambem me avisa que dizem mal de quem me lê, do meu publico — ignorante, ilustrado, soez — lhe chamam, como se fossem eles proprios os meus unicos leitores.

Todavia, meu excelente senhor, eu, quando me aparecem a pedir favores, finjo desconhecer-lhe as manhas e sirvo-os com a generosidade de quem não teme a concorrencia. Até hoje ainda não se chegou junto de mim um plumitivo, desde os celebres aos faladores, que não tivesse a sua fatia de publicidade no «A B C», ás vezes com grande zanga do pessoal.

Vamos, porém, ao resto, visto já ter respondido a esse trechosinho relativo ao silencio.

Diz-me você que estou só. Oh! como se engana, meu conspicuo e fiel conselheiro —; parece-lhe que é assim; vê-me como um pregador no deserto e tem a bondade de me avisar. Está enganado.

Quando um dia os trabalhos a que me comprometi por escritura me consumirem o tempo todo e eu liquidar estas paginas elas terão cumprido a sua missão, não como semente desfeita, mas como positiva seara. Não o digo por vaidade. Sei o que estou fazendo.

E' que o senhor não assistiu ao desfile das pessoas que vieram aqui pedir-me a carta ao chefe do governo, na qual lhe marcava a situação do país diante da moagem. E' que não as viu a lêr pelas esquinas as que mandei afixar, é que não sabe como da provincia — e sobretudo dos meios operarios — me solicitaram esse pedaço do panfleto.!

Sósinho? Talvez eu traga comigo a desalentada aparencia de quem não tem senão maguas na alma. Dizem, porém, que estou gordo de mais e que rio a miudo. Não me julgo infeliz, nem só.

Conta-se que certa familia do Porto — no tempo da pacata Lisboa — atravessava o Rocio, tendo por cicerone o actor Cesar de Lima, a quem fasiam notar a falta de policia.

— Que era verdade. Lisboa não tinha policia, pelo menos áquela hora da noite...

O actor puxou dum apito e daí a pouco apareciam magotes de guardas, povo, toda a figuração de que ele carecia para demonstrar aos seus amigos como a capital não estava tal desamparada de auctoridades.

Pois comigo sucede o mesmo — meu desvelado e cuidadoso amigo, deixe chamar-lhe assim por seus receios. — Basta apitar-se um bocadinho mais de rijo para se assistir a um turbilhão revolto dos que pensam como eu, embora não m'o venham dizer todos os dias, daqueles que nem suspeito sejam da minha rebelião, da massa enorme que considera, exactamente como eu, descobri ser necessario demolir a plutocracia para salvar a nação.

Olhe que no tempo em que nos governava o democratismo tambem parecia que eu estava atrevidamente, a escrever, ante o silencio dos grandes jornais, os receios dos outros e com a companhia parca de colegas que nem sempre me aplaudiam as violencias. E um dia... Lembra-se? Que grande tiroteio aquele! Hein! Já vê que quando se está com consciencia a combater, nunca se está só. Depois vem e turba; no fim, somos sufocados.

E' preciso contar muito com os adhesivos. Nessa hora — meu bondoso senhor — verá como temos que berrar á critica muda de hoje: Parem lá com esses rufos!...

P. S. — *Ao revêr estas provas, recebi uma carta do Porto, com algumas assinaturas honradas e na qual se marca um grande incitamento á minha obra.*

Já se vê que não estou muito só.